

### Referência

GUEDES, NMR 1994. A História das Araras-Azuis. Onati - Revista Técnico Científica e Cultural do CESUP. Ano I. N. 1. Setembro 1994. Pg.55-61

## A HISTÓRIA DAS ARARAS-AZUIS

Neiva Maria Robaldo Guedes

"São 5:40 da manhã, ainda está escuro. Estou no posto de observação. O silêncio domina o ambiente. A paz é interrompida pela guerra com mosquitos e pernilongos que nesta hora atacam avidamente. Logo, ecoam os primeiros sons da manhã: são as curicacas e os arancuãs que vão cantando em cadência. Um casal de araras-azuis pousado na árvore faz **preening**, uma espécie de carinho entre as aves, que consiste em passar o bico uma na outra. Surgem os primeiros sinais do alvorecer no horizonte. Raios dourados vão se expandindo pelo céu e o dia vai clareando. O casal de araras voa em silêncio. Em poucos segundos o sol aparece, imponente. Bugios, papagaios, periquitos e outras aves começam a vocalizar. O ruído dos animais se movimentando é crescente e torna-se cada vez mais intenso. É o alvorecer de mais um dia, um espetáculo único no Pantanal.

Entre 15 e 20 minutos depois o casal de araras-azuis retornam em silêncio. Uma arara, Mamy, entra no ninho enquanto a outra, Papy, fica pousada num galho. Dois minutos depois a situação é invertida. Passado um minuto Papy sai do ninho, pousa num galho e ambos vocalizam. Um filhote, Miguelzinho, todo emplumado e completamente molhado, põe a cabeça fora do ninho, observando ao redor. Ele emite pequenos gritos e bate as asas. Mamy regurgita no bico do filhote. Em seguida, faz preening. Miguelzinho bate as asas por 15 segundos como se estivesse ensaiando vôo. Depois, por quase uma hora, Mamy faz a limpeza das penas do filhote. Pega pena por pena de Miguelzinho, passando o bico desde o início até o final. Papy, de sentinela, fica de lado observando. Concluída a limpeza, Mamy fica de sentinela. Papy vem para a borda do ninho e bate as asas para o filhote."

FOTO 1 -

Estas são as primeiras aulas de quem estará voando dentro de uma semana. E são também as primeiras horas das minhas observações numa jornada de 12 a 14 horas por dia, de um casal de arara-azul com filhote.

A arara-azul pertence a família dos psitacideos que incluem também os papagaios, periquitos, maritacas, jandaias e maitacas. A maioria dos Psittacidae vive aos pares, são monógamos, formando casais para a vida toda. Só haverá a formação de um novo par se

algum acidente causar a morte de um dos indivíduos.

Muitas espécies se alimentam de sementes ou castanhas, sendo que a dieta consiste também de frutos, pólen, néctar, raízes, líquens e alguns insetos. A maioria das espécies não apresentam diferenças morfológicas entre os sexos e na natureza vivem em bandos.

Possuindo aproximadamente 1/5 de todas as espécies que ocorrem, o Brasil é o país mais rico do mundo em Psitacídeos, segundo Helmut Sick, autor da maior obra até hoje publicada sobre a Ornitologia Brasileira. São cerca de 70 espécies diferentes, distribuídas em 17 gêneros. O Brasil está à frente da Colômbia (49 espécies), Venezuela (48 espécies), Nova Guiné (46 espécies), África (35 espécies) e até da Austrália, com 52 espécies que brilham pela variação de tipos diferentes, esplendidamente coloridos, como as cacatuas.

De uma maneira geral, o verde é a cor predominante da família, havendo também a ocorrência do vermelho, amarelo, alaranjado, azul e o arroxeadado. Segundo a cauda, os psitacídeos sul-americanos podem ser divididos em três grupos: 1) os de cauda longa, pontiaguda ou cuneiforme que são as araras, jandaias, periquitos e tiribas; 2) os de cauda longa e larga: anacã e sabiá-cica e, 3) os de cauda curta, truncada, arredondada ou cuneiforme: papagaios e maritacas (SICK, 1985).

Entretanto, as características gerais dos psitacídeos, da mesma forma que os distingue, os tornam muito apreciáveis pela população humana. Por causa da sua cor, tamanho, variedade, facilidade de se alimentar e habilidade que algumas espécies tem para aprender a falar, tornam-se companheiros favoritos do homem. Por isso, são amplamente caçadas e comercializados pelo mundo, levando alguns exemplares ao risco de extinção.

Dessa forma, a situação não é nada segura para algumas espécies dessa família, principalmente as araras que são maiores e mais vistosas. Isto pode ser observado na última Lista Oficial da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, publicada na Portaria 1522 de 19/12/89. Dentre as aves não passeriformes há um total de 13 psittacíformes.

### **A luta pela sobrevivência das araras azuis**

Os taxonomistas classificam as araras-azuis em 2 gêneros: **Anodorhynchus e Cyanopsitta**. No gênero **Anodorhynchus** as araras são alongadas, possuem a cauda graduada, de cor predominantemente azul com colorido amarelo na mandíbula e anel periorbital. Possuem o bico maciço e curvo, usado para partir sementes duras.

O gênero **Cyanopsitta** inclui apenas uma espécie, a ararinha-azul, **C. spixii**, descrita em 1819, com 57 cm, corpo azul, cabeça azul-clara, sem o amarelo na face, diferindo das outras espécies. Com apenas um indivíduo vivendo livremente, mas solitário na natureza (no que resta das matas de **Tabebuia caraiba** ao longo dos riachos estacionais no interior do árido nordeste brasileiro, principalmente na região de Curaça na Bahia) e mais 16 exemplares em cativeiro em várias partes do mundo. É a espécie que mobiliza a maior concentração de esforços e recursos pela conservação, na

atualidade.

Das 3 espécies do gênero *Anadorhynchus*, *A. glaucus*, descrita em 1816, é a menor espécie do gênero, com 68 cm de comprimento. No século passado, era comum ao longo do rio Paraná, perto de Corrientes, na Argentina. Com pouquíssimos exemplares em museus, não se sabe quase nada sobre esta espécie considerada rara já no final do século passado. Não existem registros de ocorrências atuais e para muitos autores a espécie está extinta.

A arara-azul-de-lear, *A. leari*, com 71 cm, 940 g de peso que desde sua descrição em 1856, teve ocorrência desconhecida até sua descoberta em 1978, no nordeste da Bahia, ao sul do Raso da Catarina, conta hoje com uma população de cerca de 70 indivíduos na natureza, dividida em dois grupos. É uma das aves brasileiras mais ameaçada de extinção pelo desaparecimento do seu habitat natural e pela pressão de caça.

A arara-azul-grande, *A. hyacinthinus*, também chamada de arara-preta ou ararauna (sendo "una", negro em Tupi), com cerca de 1 m de comprimento, 1,5 kg de peso, é a mais antiga das araras-azuis, descrita por Latham em 1790. Citada no apêndice I do CITES (Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora), no Red Data Book da IUCN (União Internacional para Conservação da Natureza) e na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção, a situação do maior psitacídeo do mundo, a arara-azul, é a que desfruta melhor situação no gênero, mas sua população está igualmente crítica. Um levantamento realizado por MUNN et al. (1987), sobre o status da espécie estimou apenas 3.000 indivíduos vivendo na natureza.

É impossível saber a população original das araras-azuis, *A. hyacinthinus*, mas não há dúvidas de que eram abundantes. Naturalistas do século passado relatam o encontro de centenas de araras-azuis nas expedições pelo Brasil. Sua distribuição é citada desde o norte do Brasil (Pará e Amazonas); na intersecção de quatro estados: Goiás (hoje Tocantins), Piauí, Maranhão e Bahia; e Pantanal, incluindo Brasil, Bolívia e Paraguai, nestes dois últimos, praticamente extinta.

Os principais fatores que contribuíram para o declínio das populações de araras-azuis foram: 1) A captura de aves para o comércio nacional e internacional; 2) A alteração do habitat; 3) A caça para alimentação e adornos indígenas no norte e nordeste do país.

## **O Projeto Arara Azul**

Com o propósito de promover a conservação da arara-azul no Pantanal e contribuir com os conhecimentos da população na natureza, é que iniciei o Projeto Arara Azul. Tudo começou em novembro de 1989, quando encontrei um bando de araras-azuis no Pantanal Sul Matogrossense. A paixão foi imediata e surgiu uma vontade enorme de fazer qualquer esforço para aquela espécie não deixar de existir na natureza.

Comecei reunindo toda a informação disponível na literatura sobre a espécie e descobri que muito pouco se sabia. Procurei métodos de estudos sobre grandes araras e eles eram inexistentes.

Então o jeito foi ir para o campo e fazer algumas experiências. Nesta fase, contei com a colaboração de ornitólogos mais experientes, como o Dr. Lee H. Harper, da Universidade de St. Lawrence, que me ensinou a técnica de alpinismo.

Os primeiros 40 dias de campo foram de cheios de ansiedade e muitas dificuldades, porém, a união destes dois fatores com a obtenção dos primeiros resultados só serviu de estímulo.

Em janeiro de 1991 o projeto começou a fazer parte da minha dissertação de mestrado pela ESALQ/USP. Os principais objetivos do trabalho foram: localizar, medir, marcar e monitorar ninhos de arara-azul no Pantanal; estudar a biologia reprodutiva; identificar o habitat crítico para alimentação e nidificação; e propor alternativas de manejo para conservação da espécie.

Os trabalhos de campo foram iniciados com o suporte financeiro da WWF-US, que manteve o projeto por 2 anos. Posteriormente foram recebidos recursos da WWF-Brasil e Conservation International. Desde junho de 1993 o projeto vem sendo mantido pelo CECITEC - Conselho de Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul e a FUNDAÇÃO O BOTICÁRIO DE PROTEÇÃO À NATUREZA.

Para que se pudesse percorrer regiões de difícil acesso, como o Pantanal, a TOYOTA DO BRASIL S/A cedeu um veículo para ser testado enquanto se realizava a pesquisa. O projeto conta ainda, como apoio logístico do CPAP/EMBRAPA, SODEPAN, SEMA-MS e Polícia Florestal de Mato Grosso do Sul.

Os estudos foram realizados na sub-região da Nhecolândia, abrangendo 11 fazendas, numa área de aproximadamente 250 mil hectares, no Pantanal de Mato Grosso do Sul, entre as coordenadas 18° e 20° sul e 56° e 59° oeste. O clima na região é tropical com estações chuvosas e secas bem definidas, sendo que a precipitação pluviométrica anual é de 800 a 1.400mm e a temperatura média mensal é de 18° a 28° C.

Os habitats do Pantanal estão distribuídos num complexo mosaico, formados por cordilheiras (pequenas elevações de terreno coberto por vegetação de cerrado e cerradão), matas ciliares e capões (ilhas de mata, cobertas de vegetação mais densa) que com suas particularidades, seus recursos alimentares e outras condições vitais, favorecem a manutenção de grande comunidade animal. Muitas espécies consideradas ameaçadas de extinção, em outras regiões, podem ser ali frequentemente observadas. A arara-azul (**Anodorhynchus hyacinthinus**) é uma delas, espécie cuja maior parte da população silvestre vive no Pantanal.

Os primeiros resultados (GUEDES, 1993), mostraram que dos 94 ninhos localizados, 95% foram encontrados numa única espécie arbórea, o manduvi (**Sterculia striata**), espécie de cerne macio e susceptível a formação de ocos. As araras-azuis não pareceram selecionar ninhos com características padronizadas, como forma e tamanho das cavidades, mas mostraram preferência por locais com vegetação menos densa, mais acessíveis e bordas de cordilheiras ou capões.

Na natureza, a arara-azul faz postura assincrônica, ou seja, coloca os ovos com vários dias de intervalo. Põe de 1 a 3 ovos, mas a média é 2. A incubação dos ovos é feita por apenas uma

indivíduo, que supomos ser a fêmea, como ocorre em cativeiro. Ela passa 70% do tempo no ninho, sendo alimentada pelo macho. O período de incubação varia de 28 a 30 dias. Cerca de 40% dos ovos são predados neste período. A lista de predadores inclui aves e mamíferos e os principais suspeitos são as gralhas, os tucanos, os caracarás, os quatis, as iraras e os gambás. A taxa de eclosão dos ovos que restam é de 90%.

FOTO 2 -

Os filhotes nascem pesando em média 31,6 g e medem 82,7 mm de comprimento e são totalmente dependentes dos pais. Crescem e ganham peso rapidamente. Permanecem no ninho aproximadamente 107 dias e quando vôm ainda são alimentados pelos pais. A taxa de sobrevivência dos filhotes varia de 75 a 83%. O sucesso reprodutivo em dois anos seguidos foi de 1.27 filhotes/casal. A maioria dos filhotes ficam com os pais um ano e meio, e só depois da separação é que o casal volta a se reproduzir.

As araras-azuis mostraram-se uma das aves mais especializadas na alimentação, constituída basicamente de nozes de duas espécies de Palmae: bocaiúva (***Acrocomia totai***) e acuri (***Scheelea phalerata***). Na maior parte do ano a alimentação é sustentada pelo acuri, que é altamente energético, abundante (densidade de 183,4 palmeira/ha em algumas áreas (RATTER et al., 1988)) e produz frutos o ano inteiro.

Os casais de araras-azuis mostraram alta conspicuidade (capacidade que uma espécie tem de se mostrar, aparecer), sedentarismo e certa fidelidade aos sítios de nidificação. Indivíduos não reprodutivos mostraram alto grau de socialização e formação de bandos, tanto nos locais de alimentação como nos dormitórios, que parecem funcionar como verdadeiros "centros de trocas de informações".

FOTO 3 -

Enfim, a análise dos resultados da primeira parte desta pesquisa mostraram que é baixa a disponibilidade de ocos de tamanho suficiente para caber uma arara e ainda há disputa com outras espécies pelos ninhos existentes. Este fator, aliado a destruição de ninhos potenciais por desmatamentos ou queimadas, pode estar limitando o crescimento da população no Pantanal.

É imprescindível, portanto, que algumas medidas sejam tomadas para se evitar que ***Anodorhynchus hyacinthinus*** tenha o mesmo destino das outras espécies do gênero como ***A. glaucus*** extinta e ***A. leari***, altamente ameaçada de extinção. Estas araras tem distribuição limitada, população diminuída, são especializada na alimentação, são requisitadas para o comércio e tem seu habitat reduzido.

Assim, estudar uma espécie na natureza é como montar um grande quebra-cabeças: requer muita paciência, esforço, dedicação e a colaboração de todos. É por isso, que partimos para a segunda fase do Projeto Arara Azul, quando pretendemos colocar rádio-colares nas araras, marcar os indivíduos adultos, manejar, manter e conservar o seu habitat natural e prosseguir com trabalhos de educação ambiental. Estamos cientes que a arara azul não sobreviverá sem seu habitat. Para isso, precisamos contar com o aval da população, continuar com o apoio das instituições que já

estão nos ajudando e receber novos apoios como o do CESUP, desde março de 1994.

Quanto mais aprendemos sobre a espécie mais perguntas surgem para serem respondidas. Afinal, primeiro é preciso conhecer, para amar e conservar.

**Neiva Maria Robaldo Guedes** é bióloga, formada pela UFMS, com mestrado em Ciências Florestais pela ESALQ/USP, trabalhou com Educação Ambiental na SEMA/MS e desde 1991 vem se dedicando a pesquisa para conhecer e conservar a arara-azul na natureza. Atualmente é pesquisadora e professora do CESUP.

### **Bibliografia Consultada**

GUEDES, N.M.R., 1993. Biologia reprodutiva da arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*) no Pantanal-MS, Brasil. Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba. Dissertação de mestrado, 112p.

MUNN, C.A., THOMSEN, J.B. & YAMASHITA, C., 1987. The distribution and status of the hyacinth macaw (*Anodorhynchus hyacinthinus*) in Brazil, Bolívia and Paraguay. Report to Secretariat of the CITES. WWF and WCI, Washington, D.C., 70p.

RATTER, J.A., POTT, A., POTT, V.J., CUNHA, C.N. & HARIDASAN, M., 1988. Observations on woody vegetations type in the Pantanal and at Corumbá, Brazil. Notes RBG. Edinburg, 45(3):503-525.

SICK, H., 1985. Ornitologia Brasileira: uma introdução. Brasília, Universidade de Brasília, 828p, 2v.

RESUMO - É impossível saber qual o tamanho e a distribuição original das populações de *A. hyacinthinus*, mas sabe-se que arara-azul era abundante no século passado. Após a captura de milhares de indivíduos para o comércio ilegal, a espécie ficou bastante reduzida. Hoje, a maior parte da população na natureza é citada para o Pantanal, ocorrendo também nos estados do AM e PA e na confluência de TO, MA, BA e PI. Caso não seja tomada nenhuma medida de manejo e conservação, as populações de araras-azuis que são altamente especializadas e estão tendo seu habitat destruído, terão o mesmo destino das outras espécies do gênero que estão altamente ameaçadas ou praticamente extintas. O Projeto Arara Azul surgiu para evitar este triste fim e neste documento é apresentado um breve relato da primeira fase dos trabalhos.